



Bem-vindas Metáforas¹!

Welcome metaphors!

Analwik Tatielle Pereira de Lima
Instituto Federal de Ciências, Educação e Tecnologia | Natal

Resumo

O artigo propõe a reabilitação do conhecimento por analogia, procurando destacar o pensamento metafórico e sua capacidade de aproximação, re ligação e diálogo entre a ciência e o imaginário. Destaca o papel da metáfora como racionalidade imaginativa fundamental na construção do pensamento criador; reúne alguns autores que vêm atribuindo às metáforas um papel importante em suas produções, construindo novas formas organizacionais do conhecimento e, por fim, considera o alimento como metáfora transmigrada para o campo da Educação, uma estratégia ou método de experimentar e religar sentidos, sentimentos e imagens que integram e delimitam o mundo da vida, incluindo o corpo, a estética e o saber sensível, como domínios indispensáveis para se compreender o mundo e o ser humano.

Palavras-chave: Metáfora. Conhecimento. Educação.

Abstract

The article proposes the rehabilitation of knowledge by analogy, seeking to highlight the metaphorical thinking and their ability to approach, rewiring and dialogue between science and imagination. Highlights the role of metaphor as imaginative rationality instrumental in building the creative thinking; gathers some authors who have attributed to metaphors play an important role in their production, building new organizational forms of knowledge and, finally, consider food as metaphor transmigrate to the field of education, a strategy or method to try and reconnect senses, feelings and images that comprise and define the world of life, including the body, namely the aesthetic and sensitive areas as needed to understand the world and human beings.

Keywords: Metaphor. Knowledge. Education.



O papel da metáfora no pensamento criador

A palavra metáfora deriva do latim *metaphòra*, trazido do grego *metaphorá*, que significa mudança, transposição. “Na Atenas contemporânea, os transportes coletivos se chamam metaphorai. Para ir para o trabalho ou voltar para casa, toma-se uma “metáfora” um ônibus ou um trem.” (CERTEAU, 2001, p. 199). De fato, assim como os transportes coletivos de Atenas, as nossas próprias narrativas e relatos cotidianos, literários e científicos são itinerários capazes de atravessar e organizar lugares, conduzir, deslocar e transportar sentidos, sentimentos e imagens relacionados à nossa maneira de estar e ser no mundo, condensando os signos e apresentando, de forma literal, uma equivalência figurada. (CERTEAU, 2001).

Segundo a filósofa María Zambrano (2000, p. 19-20), por uma metáfora habitualmente entende-se uma forma imprecisa de pensamento. Entretanto, a autora acredita que a metáfora desempenhou na cultura uma função mais profunda, que é a de “[...] definir uma realidade inabarcável pela razão, mas propícia a ser captada de outro modo. E é também a sobrevivência de algo anterior ao pensamento, pegada num tempo sagrado e, portanto, uma forma de continuidade com tempos e mentalidades passadas, coisa tão necessária numa cultura racionalista.”

Nesse contexto, o argumento por analogia e o uso de metáforas são considerados como uma forma de raciocínio indispensável a todo pensamento criador. No entanto, devido à multiplicidade de aspectos evocados e mesmo à sua **ambiguidade**, a metáfora pode exercer um efeito mais poderoso na nossa imaginação e na nossa emotividade do que a analogia, expressão matricial da metáfora. Apesar dessa evidência, com a dicotomia entre verdade e razão de um lado, e arte, sentimentos humanos e imaginação do outro, marginalizou-se durante muito tempo a metáfora, que foi desprezada e considerada alegórica no caminho do conhecimento ocidental.

Por um lado, o mito do objetivismo, que dominou a cultura ocidental, e em particular, a filosofia, entendia a linguagem como mero espelho da realidade material e, nesse contexto, a metáfora seria um ornamento **linguístico** sem nenhum valor cognitivo, além de ser indesejada no conhecimento científico, que priorizou uma linguagem literal, considerada clara, precisa e determinada, pois, **assim, se acreditava** que era possível compreender o mundo exterior e agir eficientemente nele, em busca de verdades absolutas e incondicionais.



Por outro lado, no século XX, primeiramente na filosofia, há uma reformulação profunda na maneira de conceber a objetividade, a verdade, o sentido e a própria metáfora, que passou a ser vista como figura de pensamento e não apenas de linguagem. De acordo com o mito do subjetivismo, o conhecimento precisaria ir além da informação dada pela realidade objetiva e considerar as emoções, a intuição, a imaginação e os sentimentos humanos para que pudesse tornar essas dimensões de nossas vidas mais significativas. Todavia, o que tanto o mito do objetivismo quanto o mito do subjetivismo ignoram é o modo como compreendemos o mundo por meio de nossa interação com ele.

A matriz de conhecimento experiencialista sugere que as noções objetivistas e subjetivistas não são opostas.

Em uma perspectiva experiencialista, a verdade depende da compreensão que emerge da ação humana no mundo. É por meio de tal compreensão que a alternativa experiencialista satisfaz à necessidade objetivista de uma explicação da verdade. É por meio da estruturação coerente da experiência que a alternativa experiencialista satisfaz à necessidade subjetivista de sentido pessoal e significativo. (LAKOFF; MARK, 2002, p. 348-349).

194

É por meio da explicação experiencialista da compreensão, que oferece uma perspectiva mais rica de importantes áreas da experiência em nossas vidas diárias, como a comunicação interpessoal e a compreensão mútua; a autocompreensão, os rituais pessoais e cotidianos, a experiência estética e a política, que os autores George Lakoff e Mark Johnson, na obra "Metáforas da vida cotidiana" (2002), atribuem às metáforas um status epistemológico e sustentam a tese de que, sem a sua atuação constante, o pensamento em si se tornaria impossível. Para eles, "[...] a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação [...]" (LAKOFF; MARK, 2002, p. 45), ou seja, na nossa maneira de perceber e compreender o mundo, a cultura e a nós mesmos, tendo como via de acesso o nosso próprio corpo. Desse modo, corpo e mente não são entendidos de forma fragmentada e não se separam no processo de construção do conhecimento.

A metáfora é, pois, uma racionalidade imaginativa, um meio de criar novas ordens de compreensão do fenômeno investigado, sentidos novos, similaridades, além de definir uma nova realidade, ao acionar no sujeito do conhecimento processos de experimentação que operam relações entre



sujeito e objeto, homem e mundo, natureza e cultura, mito e logos, ciência, arte e filosofia, vida e **ideias**, o saber científico (explicação) e o das humanidades (compreensão). Ela é um dos mais importantes “operadores cognitivos” para tentar compreender parcialmente o que não pode ser compreendido em sua totalidade, como nossos sentimentos e experiências estéticas e sensoriais. (MORIN, 1996; LAKOFF; MARK, 2002). “É como se a habilidade de compreender a experiência por meio da metáfora fosse um dos cinco sentidos, como ver, ou tocar, ou ouvir, o que quer dizer que nós só percebemos e experienciamos uma boa parte do mundo por meio de metáforas.” (LAKOFF; MARK, 2002, p. 358).

O status epistemológico da metáfora: a metáfora como alimento

Percebendo a complementaridade entre analogia e lógica, compreensão e explicação, e acreditando que a maneira como nos foi ensinada a ver o mundo não é única, muitos pesquisadores vêm atribuindo às metáforas um papel importante em suas produções, construindo assim novas formas organizacionais do conhecimento e **atribuindo** significado ao processo de conhecer.

Muitos momentos na história da ciência foram ilustrados por imagens que se transformaram em metáforas, como nos mostra, por exemplo, Hubert Reeves e Max Milner. Reeves lembra que, antes do final do século XIX, a física era dominada por duas imagens de objeto: a bola e a onda, ambas delimitadas por leis eternas e imutáveis que descreviam o comportamento das forças da natureza. Entretanto, as diversas incursões do pensamento humano na compreensão da realidade criaram outras maneiras de perceber e agir no mundo e, nesse contexto, as imagens de objeto da física clássica foram substituídas pelas imagens de ação da física contemporânea, que tiveram um papel fundamental **na medida em que** possibilitaram uma compreensão de universo que ultrapassava a linearidade e a noção de causa e efeito única e perfeitamente determinável, tão defendida em séculos anteriores. Para Reeves (1994, p. 14), “A grande vantagem da imagem de ação é que ela pode ser exportada para fora do campo das dimensões que nos são familiares, sem perderem a sua eficácia. As imagens de objeto, ao contrário, são relativamente pouco exportáveis, e quando se insiste, elas nos levam a contradições e a becos sem saída.” Essas contradições, no entanto, tornam-se extremamente importantes



para novas elaborações do pensamento e para o surgimento de outras imagens e metáforas do mundo vivo.

Enquanto Hubert Reeves demonstra que as imagens de ação da física contemporânea são aparentemente transportáveis a todos os níveis atômicos, subatômicos, estelares, galácticos e universais, o que as torna eficazes e válidas. **Mesmo** quando elas se **encontram** além das nossas percepções habituais, Max Milner mostra o poder que os instrumentos ópticos como o espelho, a lupa, o par de óculos, o microscópio, o telescópio, entre outros, possuem, ao abrirem um outro espaço no tecido compacto das aparências, desde o século XVII até o século XIX, quando a óptica alcança um grau de aperfeiçoamento e sistematização, a ponto de **se tornar**, de alguma forma, o modelo de inteligibilidade racional daquela época. Ao considerar as relações entre ciência e imaginário, não opondo uma visão poética a uma visão científica do mundo, Milner (1994, p. 34), considera que a metáfora óptica “[...] não é apenas uma expressão figurativa que remete a uma realidade de outra ordem. Da visão material à visão imaginária existe metáfora certamente, mas no sentido literal de “transporte” de um lugar a outro, onde as mesmas realidades são vistas sob uma luz diferente.”

196

Segundo Milner, a interferência entre ciência e imaginário no estudo da óptica tornou inevitável a passagem metafórica entre essas duas realidades constituintes do mundo humano e por muito tempo colocadas de forma separada uma da outra na história do pensamento. Para ele,

[...] no domínio da ótica, a ciência e o imaginário evoluem conjuntamente, sendo que o imaginário se aproveita tanto dos conceitos e instrumentos como das lacunas e frustrações, introduzidos pela ciência, para instalar nesse espaço interrogações e angústias, radicadas no universo pulsional dos indivíduos, mas que não teriam como se manifestar, se as modificações da existência coletiva ou das representações do mundo, provocadas pela ciência [...] não relançassem a produtividade do imaginário em direções novas. (MILNER, 1994, p. 5).

Vale ressaltar, ainda, que a crise da óptica cartesiana, apesar de ter provocado inicialmente uma angústia fundamental dos sujeitos que se valiam dos instrumentos ópticos como único foco de conhecimento, inclusive do humano, também possibilitou a criação de uma nova imagem do mundo, “[...] um mundo elástico, inobservável de um ponto de vista único, e onde as



dimensões e as distâncias variam segundo o jogo das partículas e das energias que animam o seu movimento.” (MILNER, 1994, p. 45).

Outros pensadores, mais afeitos às **ideias** da ciência da complexidade, também indicaram em seus estudos e pesquisas a importância da metáfora como ingrediente indispensável e indissociável da ciência, da arte e da vida humana. Entre eles, **destacam-se** – Ilya Prigogine, Fritjof Capra, Henri Atlan, Edgar Morin e Conceição Almeida.

Segundo Ilya Prigogine, prêmio Nobel de Química em 1977, os símbolos da ciência poderiam ser representados por três grandes metáforas, que marcam fortemente o progresso, o desenvolvimento e a trajetória histórica da aventura humana. A metáfora da ciência para o século XVII correspondeu ao relógio, enquanto no século XIX, a metáfora representava o motor térmico. **Observa-se** que essas duas imagens têm a ver com uma ciência regida por leis eternas, determinismos e verdades absolutas, que influenciaram os estudos e descobertas daqueles períodos. Para o século XX, entretanto, Prigogine considera a metáfora da obra de arte como símbolo de um novo tempo e de uma nova ciência, pautada numa leitura mais próxima do real e mais presente na vida de cada um de nós, porque mais comprometida com os desafios de seu tempo.

A metáfora da obra de arte à qual se refere Prigogine encontra-se representada na figura do deus Siva, ou Shiva, importante divindade hindu. Paradoxal e, ao mesmo tempo, complementar, Shiva contém em si os poderes da criação e da destruição. Seus quatro braços representam sua tremenda capacidade de atuar no mundo e, assim, transformá-lo. Senhor da dança, Shiva atua sobre os demônios que personificam a ignorância e a ilusão. Seu poder de criação encontra-se representado por um tambor de ampulheta, que carrega em uma de suas mãos, com o qual indica o ritmo cósmico e o fluir do tempo. Em outra mão, traz uma chama, que simboliza tanto a destruição, como, em contrapartida, a renovação ou transformação, uma vez que nada que tenha passado pelo fogo permanece o mesmo. O alimento vai ao fogo e se transforma, a água evapora e os corpos cremados viram cinzas. As outras duas mãos do deus encontram-se em gestos específicos. A direita, cuja palma está à mostra, representa um gesto de proteção e bênção. A esquerda simula a tromba de um elefante, capaz de destruir obstáculos. Para Prigogine, há certamente algo que marca a passagem do homem pela vida, e a arte seria uma dessas marcas. Ao simbolizar a obra de arte como metáfora da ciência do século XX, representada pela dança do deus Shiva, Prigogine acredita que



destruição e criação, irreversibilidade e imprevisibilidade, caos e organização, complementam-se mutuamente.

Também acreditando no possível diálogo entre a cultura científica e a humanística, o físico norte-americano Fritjof Capra admite uma correlação entre as visões de mundo ocidental e oriental, visualizada em seu estudo comparado entre a unicidade da matéria na física contemporânea e a visão unitária das filosofias orientais. Os investimentos da física contemporânea não admitem mais ser o universo um sistema mecânico composto por uma multiplicidade de partículas elementares interagindo e se separando umas das outras independentemente, mas um conjunto dinâmico de eventos interconectados; unicamente as suas interações determinam a estrutura da realidade. Sendo a realidade um conjunto de correlações, as partículas seriam um dos tipos específicos de correlação, uma troca de energia e informação.

Diferentemente da concepção de universo, proposta pela física clássica, reconhecida e válida especialmente a partir do século XVII, o universo proposto pela física contemporânea, em qualquer teoria ou modelo utilizado por ela, evoca noções das tradições orientais, particularmente as do budismo, que valorizam a realidade dinâmica expressa pela unificação dos contrários e pela interdependência dos fenômenos. Para Capra (1993, p. 129), a ecologia, em seu sentido mais amplo, seria uma dessas apostas, visto que ela "[...] insiste sobre a interdependência fundamental de todos os fenômenos e sobre a natureza intrinsecamente dinâmica do Universo."

A própria noção de física tem implicações dinâmicas, pois o termo *physis*, de onde deriva "física", era entendido de forma unívoca na era pré-socrática, quando a filosofia, a religião e a ciência não eram consideradas realidades separadas. Para Capra, uma mesma raiz, portanto, deu nascimento à "ciência" no Ocidente e ao "misticismo" no Oriente. Assim, Fritjof Capra compara o fluxo incessante da matéria à dança cósmica de Shiva, divindade para quem todos os elementos do mundo, criação e destruição permanente da matéria, não são fundamentais, mas ilusórios e cambiantes, como propõe os ideários da física contemporânea.

Já o médico e biofísico Henri Atlan (1992) cria a metáfora do cristal e da fumaça para se referir aos processos de auto-organização dos sistemas vivos. Ao descrever as organizações vivas, Atlan mostra que os seres vivos não são estáticos e rígidos como é possível perceber em uma ordem repetitiva,



perfeitamente simétrica, cujos modelos físicos mais clássicos são os cristais; nem evanescentes e transitórios, complexos e imprevisíveis em seus detalhes como a fumaça; mas que há uma coexistência entre noções opostas, como a repetição, a regularidade e a redundância, de um lado, e a variedade, a improbabilidade e a complexidade do outro, que resultam em fluidez, mobilidade e dinamicidade nesses seres. Além disso, qualquer tentativa de fixar essas estruturas dinâmicas tanto nos laboratórios como em nossa representação, faz com que elas caiam em uma forma de morte, o que não quer dizer que não seja possível descrever sua lógica.

Desse modo, Henri Atlan descreveu a lógica dos seres dotados de propriedades de auto-organização, tanto organismos vivos ou modelos que tentam simulá-los, como também quis estender algumas dessas considerações a outros sistemas e outras organizações, em particular, os humanos. Seus estudos partem de preocupações biológicas. Entretanto, ele leva em consideração não apenas a objetividade científica, tão cara ao mundo acadêmico, mas também utiliza, **em sua pesquisa**, os textos da tradição antiga, em especial a judaica e a greco-romana, demonstrando que o processo de auto-organização não é senão a criação da ordem a partir da desordem, situando o ser vivo na interconexão entre a vida e a morte.

O sociólogo Edgar Morin, artesão de um conhecimento multidimensional dos fenômenos humanos, é outro pensador que se vale de metáforas para construir e problematizar o pensamento complexo em seus estudos. Entre as que foram criadas por ele, **encontram-se** três: a metáfora do cálice de vinho do Porto, a metáfora da tapeçaria e a metáfora do abraço.

Inspirado em seu amigo astrofísico Michel Cassé, e na aprendizagem da religação e problematização dos fenômenos, Morin (2002) afirma que em um cálice de vinho do **Porto**, existe a formação de partículas e macromoléculas que se juntaram na Terra para dar origem à vida, há cerca de 7 a 15 milhões de anos, desde os primeiros segundos do universo, como é o caso do hidrogênio e dos produtos do átomo de carbono, havendo ainda a evolução do mundo vegetal, até o aparecimento da vinha selvagem, como também a evolução do mundo animal, em especial dos seres humanos, uma vez que a criação de ferramentas e técnicas permitiram extrair o sumo da uva e transformá-lo, pela fermentação, em vinho. Assim, em um simples cálice de vinho do Porto podemos observar toda a história cósmica e humana, presente numa bebida tão singular e característica de uma região de Portugal. Já a



metáfora da tapeçaria é descrita por Morin (1991) como um conjunto de fios diversificados, sejam eles de linha, de seda, de algodão e de lã, com cores variadas, em que, a partir de sua observação, é impossível o conhecimento das leis e princípios de cada um desses tipos de fios e, além disso, a soma dos conhecimentos sobre cada um deles é insuficiente para conhecer tanto a realidade já tecida, ou seja, as qualidades e propriedades próprias a essa textura, como sua forma e configuração.

Almeida, ao se referir a Edgar Morin, afirma que:

[...] enquanto a metáfora do cálice de vinho do Porto exhibe o poder sintético/sincrético da relação cosmos-vida-cultura-singularidade, e a tapeçaria permite a compreensão da bricolagem de fragmentos heteróclitos, numa nova organização do capital coletivo que prefigura a cultura humana, o vocábulo “abraço” evoca o movimento e a estratégia, quer dizer, a arte de expressão do pensamento complexo. (ALMEIDA, 2000, p. 18).

200

Assim, a autora, seduzida pela força misteriosa das metáforas, acolhe a metáfora do abraço proposta por Morin para falar de uma compreensão da ética mais afeita às provocações e princípios da complexidade, uma “[...] ética como estética de vida, porque acredita que o abraço, tanto a idéia quanto o ato, facilita a emergência de estados cognitivos capazes de expressar o vigor de nosso compromisso com os destinos da terra-pátria. E o faz sem comprometer a ternura do sujeito e a harmonia que pode aflorar do campo tensional da convivência humana.” (ALMEIDA, 2000, p. 18).

Multiplicando o valor operativo das metáforas, a antropóloga Maria da Conceição de Almeida cria outras para propor uma ciência que sonha e busca dialogar com os mistérios da vida e com o inexplicável. Para ela, a relevância da metáfora não se reduz ao papel de ampliação da compreensão dos fenômenos que desejamos conhecer, apesar de acreditar ser primariamente esse o seu papel. Não se reduz também a um estado anterior de gestação dos conceitos e leis científicas. A metáfora pode ser concebida como “[...] uma operação do pensamento pautada pela mobilização do espírito diante do mundo [...] uma estética cognitiva marcada pelo desenraizamento conceitual e pela reordenação das narrativas consagradas.” (ALMEIDA, 2003, p. 24). Nesse sentido, a autora problematiza uma reflexão a respeito da ciência, da



cultura e da ética do pensamento a partir da construção de metáforas como a dos castelos de areia e a da flor de cacto.

Relembra, portanto, a capacidade do ser humano de poder construir sonhos através de suas próprias mãos, “[...] veículos de onde flui criatividade capaz de transformar areia em castelos.” (ALMEIDA, 2003, p. 25). Ao imaginar a cena de crianças que constroem castelos de areia a meio caminho entre a areia muito seca e as últimas ondas que deitam constantemente na praia, Almeida discute o ritual da vida em sociedade e sugere que cabe a cada dia, e a todos nós, estarmos continuamente construindo castelos de areia, sonhos que tanto operam confluências, encontro, multiplicação, como também, muitas vezes, nos deixam ilhados em nossos porões.

Entretanto, não é somente pela metáfora da modelagem da areia da praia que Almeida faz pensar como temos operado a construção da vida em sociedade. A autora nos guia por outras variações de terra que também têm servido como matéria-prima para os fazedores de sonhos. Assim, leva-nos à Beócia, na antiguidade grega, para mostrar pequenas estatuetas esculpidas em terracota, que ficaram famosas pela perfeição de suas formas; a mesma terracota capaz de esculpir uma parte do corpo transformada pela liturgia em *ex-voto*, ou ainda o mesmo barro que os habitantes das comunidades rurais se utilizam para a construção das casas de sapê, comuns no Nordeste do Brasil. Tudo isso para nos ajudar a pensar a cultura, o conhecimento, a ética e a sociedade em que vivemos e observar que, além da terra apropriada, é necessário o ponto certo de umidade, de compactação correta, de cuidado e zelo para podermos reformar e construir um conhecimento, uma ética e uma sociedade que estejam mais próximos dos bons sonhos e das boas utopias. “O “caminho do meio” entre a razão e a emoção, entre a prosa e a poesia, entre o conceito e a noção talvez seja o terreno apropriado para pensar uma ciência que não se reduz a explicar o mundo, porque quer, também, dialogar com seus mistérios e com o inexplicável.” (ALMEIDA, 2003, p. 31).

Ao lado da metáfora dos castelos de **areia**, aparece a metáfora da flor de cacto, para nos lembrar que, se nem tudo são flores, nem tudo, por outro lado, são espinhos. Almeida nos convida a olhar a mata atlântica na região amazônica, o deserto do Arizona ou a vegetação do **semiárido** do Nordeste do Brasil, para observar a exuberância da estética da flor de cacto. “Em meio a uma população numerosa de espinhos distribuídos por toda a extensão do corpo da cactácea, e nem sempre na parte mais proeminente do vegetal, uma



estranha e exótica flor branca, vermelha ou amarela, aparece [...]”, para nos dizer que “[...] é possível abrir espaços criativos, desejantes e libertários [...]”, espaços que, de fato, operem uma ética do pensamento mais afinada com o diálogo e a convivialidade, do que com os preceitos normativos e as verdades unitárias presentes em muitas maneiras pelas quais percebemos e compreendemos o mundo. (ALMEIDA, 2003, p. 32).

Um outro pensador, o médico e etólogo Boris Cyrulnik, indica a metáfora de um foguete com dois andares para ilustrar a **ideia** de que o encantamento do mundo é um produto da evolução, partindo do mundo sentido, de ordem biológica, em que estamos sujeitos ao conflito incessante da dupla pressão genética e ecológica, e evoluindo para um mundo não sentido, através do qual nos submetemos às representações que inventamos e herdamos dos nossos pais e do grupo social no qual estamos inseridos. Nesse sentido, “[...] para que o segundo andar do foguete grave na órbita, escapando à lei da atracção terrestre, foi, primeiramente, preciso respeitar esta lei, portanto descobri-la para a utilizar”. Por essa razão, “[...] o segundo andar voga em direcção ao planeta dos sinais, porque o primeiro respeita as leis da natureza, para melhor se arrancar dela.” (CYRULNIK, 1997, p. 10). Ao se valer de experiências e observações propostas pela etologia animal e humana, Cyrulnik afirma que não se trata de separar, de promover uma cisão entre o ser humano, a natureza e os demais seres vivos, visto que ele pertence, tal como os outros animais, a um mundo vivo onde, diferentemente deles, ocupa um lugar humano. Mas de reconhecer que nele, além dos cinco sentidos, há um sexto, representado pela linguagem falada e através do qual inventamos, sem cessar, o mundo do artifício simbólico e técnico, habitando, assim, o despercebido.

Já a filósofa espanhola María Zambrano, ao descrever a metáfora como a maneira de apresentação de uma realidade, que não pode exprimir-se de modo direto, considerada como a única forma em que certas realidades podem tornar-se visíveis aos torpes olhos humanos, propõe a metáfora do coração, como uma forma de compreender vida e conhecimento. Para a autora, a filosofia mais pura desenvolveu-se no espaço traçado por uma metáfora, a da visão e da luz inteligível, que adquiriu, por muito tempo, uma forma decisiva e fundamental de conhecimento. Na metáfora do coração, a luz e a visão desempenham um papel importante, mas já não se referem ao órgão do pensamento, como metáfora da visão intelectual, e sim a uma víscera secreta e delatora: o coração. Na história, o coração sofreu altos e baixos maiores que



a razão, e abarcou outra metáforas além da visão, tal como a do fogo “coração em chamas” além de estar aparentado e se confundir, às vezes, com algo ainda mais obscuro e misterioso que ele: o sangue. É, portanto, uma entranha que possui feridas vivas, das quais emana constantemente uma gota de sangue que impede sua cicatrização.

Entretanto, Zambrano (2000, p. 22) argumenta que, na terminologia popular, o coração não é fogo, mas parece apresentar-se sob a forma de símbolos espaciais, como um espaço que dentro de cada ser humano se abre para acolher certas realidades; “[...] lugar onde se albergam os sentimentos indecifráveis, que saltam por cima dos juízos e daquilo que pode ser explicado.” Além de conter um peso que equivale ao do universo inteiro, como se nele pesasse a vida de alguém que, na vida, não pudesse mais vivê-la. Assim, o coração passa a ser o símbolo de representação máxima de todas as entranhas da vida, “[...] é a víscera mais nobre porque leva consigo a imagem de um espaço, de um dentro obscuro secreto e misterioso que, em algumas ocasiões, se abre.” (ZAMBRANO, 2000, p. 23). E ainda assim, ao se oferecer, continua a ser interioridade, abre-se sem deixar de ser cavidade, envolvendo, dessa forma, a nossa própria intimidade.

O coração diferencia-se do pensamento, visto que é nessa ação delicada e infinitamente arriscada de abrir-se que a vida de todas as demais entranhas a ele associadas são comprometidas. O próprio coração arrisca-se, uma vez que delas ele é também dependente e não pode se desligar, o que significa “[...] estar e permanecer sempre e em todo o momento vivo, pois vida é esta incapacidade de um órgão desligar-se de outro, um elemento de outro; esta impossibilidade de dissociação que é tão arriscada, porque, ao não existir separação, quando chega é fatalmente a morte.” (ZAMBRANO, 2000, p. 24). Já o pensamento tem vida própria, independente e solitária, conseguindo, assim, a sua superioridade, mas uma superioridade sem heroísmo, pois nunca arrisca, nem padece, porque, **ao libertar-se da vida**, nada tem que temer da morte.

Há ainda outros autores, pesquisadores do Grupo de Estudos da Complexidade da UFRN, que semelhantes aos já citados anteriormente, consideram de igual importância o papel das metáforas na elaboração do pensamento criador. Suas construções epistemológicas demonstram, em grande parte, que as metáforas tornam-se relevantes por apontar a educação como um processo que inclui formação, **autoformação** e reintrodução do sujeito ao longo da produção de conhecimentos, encorajando os educadores



a edificar uma aprendizagem capaz de repor a dignidade da condição humana. (MORIN, 2006).

Assim, Fátima Araújo (2005) se apropria da metáfora da fogueira para tentar compreender a força de combustão das experiências de vida na formação docente, tendo como foco principal transpor para a realidade dos professores o exercício reflexivo de sua docência, mediante a redescoberta de suas vivências, experimentadas e revividas a partir de histórias de si, também denominadas narrativas de formação, que, potencializadas, podem transformar suas práticas em sala de aula. Silmara Marton (2005) vê, **na música**, uma metáfora importante para compreender a complexidade humana, a partir de uma escuta sensível do mundo, por ela propiciada, que mobiliza no sujeito a experimentação de diversos estados do ser, fazendo dialogar sensibilidade, ética e estética, ordem e caos, silêncio e ruído, movimento e pausa, repetição e inovação.

Já Wani Pereira (1999) demonstra a partir da metáfora da obra de arte, **que**, por meio da reflexão do sujeito sobre a sua própria experiência, é possível projetar novas configurações do conhecimento com base na relação entre vida e arte e na busca do entrelaçamento entre pedagogia e complexidade. Sanzia Barbosa (2002), inspirada em Ilya Prigogine, assume a arte como metáfora da ciência do século XXI, apresentando-a como uma montagem. Uma arte capaz de reorganizar nossa percepção do mundo e que exige uma nova linguagem, manifestada na relação de liberdade do artista com a obra, no processo de criação. Dessa forma, o diálogo, a mobilização do sujeito, a criatividade humana, a incerteza e a imprevisibilidade ganham mais força que o domínio, a submissão, a fragmentação e o controle, ao buscarmos compreender a vida, os outros e a nós mesmos. Karenine Porpino (2001) considera a metáfora do abraço como reveladora do desejo de expressão do corpo e da própria existência, por meio da dança e da relação com o outro, na tentativa de acolher a realidade complexa do ser humano e seu entorno.

Não podemos esquecer, no entanto, que o uso determinístico das metáforas pode influenciar a compreensão dos fenômenos e disseminar visões inconciliáveis entre ciência e imaginário, como nos mostra o jornalista científico Marcelo Nogueira Leite, em sua tese intitulada *Biologia total – hegemonia e informação no genoma humano*, que conferiu seu título de doutor em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, em 2005.



Marcelo Leite afirma que o Projeto Genoma Humano, concluído oficialmente em abril de 2003, só obteve uma ampla aceitação pública graças ao uso de “metáforas deterministas” que, segundo ele, os cientistas ajudam a disseminar e que influenciam a compreensão dos fatos e feitos técnico-científicos, tanto no interior da academia, como também em meio ao público em geral. (NATÉRCIA, 2005).

Para Leite, no caso do Projeto Genoma Humano, o uso político e retórico de um determinismo genético foi e continua sendo crescentemente irreconciliável com os resultados da pesquisa genômica atual, pois a doutrina do determinismo genético se baseia em uma apreciação simples e unidirecional de causalidade absoluta, que tem como pressuposto a noção de que todas as características dos seres vivos são determinadas única e exclusivamente pelos genes; uma visão incompatível com a complexidade que a biologia molecular vem encontrando atualmente no genoma e na sua regulação. (NATÉRCIA, 2005).

Desse modo, expressões usadas por revistas científicas internacionais de alto impacto no mundo acadêmico, como o genoma é o livro, a biblioteca, a tabela periódica da vida, o plano mestre da espécie ou o maior avanço feito pela humanidade rumo ao seu **autoconhecimento**, aumentam cada vez mais os limites do determinismo genético para o próprio desenvolvimento da biologia molecular, sobretudo a partir do **sequenciamento** do genoma humano.

Distanciando-me das metáforas deterministas, reafirmo a importância da metáfora na construção do pensamento criador, na medida em que ela contribui para a consciência da condição humana e para a qualidade poética da existência. Nesse sentido, considero o alimento como metáfora transmigrada para o campo da Educação, uma estratégia ou método de experimentar e religar sentidos, sentimentos, afetos e imagens que integram e delimitam o mundo da vida, incluindo o corpo, a estética e o saber sensível e complexo como outras formas de compreender o mundo, abertas a novas posturas e posições a serem incorporadas pela leitura que se faz do ser humano, domínios por muito tempo negligenciados, **e, a meu ver**, indispensáveis na constituição e formação dos sujeitos.



A metáfora do alimento – Por uma educação sensível e complexa

No que diz respeito ao alimento, posso relatar que, inicialmente, aprendi nas aulas de ciências e, posteriormente, nos livros de biologia determinados pelas instituições educacionais onde estudei, que o ato de se alimentar é a condição de organização advinda de qualquer sistema vivo e que os sistemas vivos habitam um ecossistema com características próprias e relativa estabilidade, denominado biosfera, uma camada imaginária que abrange as regiões do planeta Terra, onde existe vida e do qual também fazemos parte. Entre as relações existentes entre os diferentes sistemas vivos, a principal delas é uma das mais complexas, necessárias à vida no planeta, refere-se à alimentação e, para um maior equilíbrio de nosso ecossistema, as espécies alimentam-se umas das outras, com exceção dos vegetais, havendo uma **sequência** de transferência de matéria e energia de um organismo para outro, conhecida como cadeia alimentar ou trófica do grego *trofos*, alimento. (AMABIS, 1997).

Em uma cadeia **alimentar**, há papéis específicos a serem cumpridos. De um lado, existem os seres autótrofos, aqueles que produzem seu próprio alimento e que são a base de qualquer cadeia alimentar, como é o caso das plantas. Graças à presença da clorofila em suas folhas, elas são capazes de captar energia luminosa do sol, utilizando-a para a fabricação síntese das moléculas orgânicas que lhes servem de alimento. A energia por elas transformada a partir da luz solar será repassada a todos os outros componentes que delas se alimentarem direta ou indiretamente, os chamados seres heterótrofos. Os seres heterótrofos são aqueles que têm necessidade de se alimentar de outros organismos para obter energia, uma vez que são incapazes de produzir seu próprio alimento, como é o caso dos herbívoros, animais que se alimentam de plantas; dos carnívoros que se alimentam de animais herbívoros; ou ainda dos carnívoros que se alimentam de outros carnívoros. **Há**, ainda, para que uma cadeia alimentar encerre seu ciclo e outros apareçam, uma categoria especial de organismos que a integra, os chamados decompositores, em geral, bactérias e fungos que obtêm alimento através da decomposição da matéria orgânica dos cadáveres de outros seres vivos. Tanto os produtores, como os consumidores, quando morrem, servem de alimento aos decompositores e, sem essa ação, mais cedo ou mais **tarde**, não haveria mais material disponível para o nascimento de novos seres.



Os seres humanos, por terem uma alimentação bastante variada, que inclui tanto as plantas, como animais herbívoros e carnívoros, são denominados onívoros, do latim *omnis*, ou seja, aquele que de tudo se alimenta. Essa característica, entre outras, como a nossa linguagem e a capacidade de semiotização do mundo, foi responsável pela distinção entre o homem de um lado e os demais animais do outro, bastante propagada em muitas teorias científicas e educacionais, promovendo uma verdadeira cisão que nos obrigou, durante muito tempo, a nos diferenciar completamente dos seres com **pelos**, patas, escamas, caudas; a escolher entre aquele que fala e aquele que não fala; aquele que se pode batizar e aquele que se pode cozinhar, graças a uma hierarquia desleal, em que o ser humano, alçado ao cume da escala do ser vivo, se permite destruir, comer ou excluir do planeta os outros seres terrenos, animais e humanos, cuja presença o indis põe, numa forma bastante trágica de compreensão do mundo, o que permitiu a escravatura e o extermínio de povos inteiros. (CYRULNIK, 1997).

Estudos realizados pela Etologia, entretanto, que admitem a comunicação entre o mundo do humano e o dos outros animais, mostram que “[...] já não se trata de separar o homem da natureza e de o opor ao resto dos seres vivos: trata-se, pelo contrário, de lhe atribuir o seu lugar no que é vivo e de tornar observável como a semiotização dos sentidos lhe permite afastar-se, gradualmente, de um mundo impregnado no percebido, para habitar um outro mundo enfeitado pelo despercebido.” (CYRULNIK, 1997, p. 30).

Não podemos negar que a linguagem veiculada pela palavra marca uma diferença exclusivamente humana. Ao criar símbolos, o ser humano passa a diferenciar-se de outros animais para manter a sua existência, todavia, não podemos admitir uma oposição entre seres humanos, natureza e demais seres vivos, mas uma compreensão de significados diferenciada entre eles, visto que no humano “[...] o objeto designado pela palavra metamorfoseia o sentido da palavra.” (CYRULNIK, 1997, p. 25).

Dessa forma, “[...] o objeto portador de significado “alimento” é muito olfativo no rato, mais visual no homem e quimiotáctil no ouriço-do-mar [...]” (CYRULNIK, 1997, p. 21) e isso se deve ao mundo perceptual habitado por cada um deles. **Observamos, também**, reações diferentes entre uma mosca e um homem ao entrarem em contato com um pedaço de carne em estado de putrefação. Para o homem, ela se caracteriza como “um bocado de carne para deitar fora”, enquanto a mosca, enfeitada pelo pedaço de proteínas



podres, dirige-se ao seu encontro. No seu mundo de mosca, percebe um significado biológico que a cativa e o que a atrai é um indício químico olfativo que marca a decomposição da carne, ao passo que o que enfeitiça um ser humano é um sinal culinário-econômico.

De fato, “[...] os homens consagram ao alimentar um tempo fabuloso, muito superior ao que seria exigido numa simples incorporação química.” (CYRULNIK, 1997, p. 52). Para além da velha história natural, que divide os animais pelo gênero alimentício entre carnívoros, herbívoros, frutívoros, e da visão unilateral que aprendemos, de que o alimento é o que nos mantém vivos, é ele que fornece energia para todos os nossos processos vitais, supre o organismo de substâncias que permitem o crescimento e a regeneração do nosso corpo, regula os processos fisiológicos, além de constataremos ainda que na sua ausência a nossa esperança de vida não ultrapassa algumas semanas, “[...] o lógico, para mim, é lembrar que a identidade alimentar não apenas fixa a continuidade cultural mas a contigüidade do grupo na extensão social.” (CASCUDO, 2004, p. 384). Apesar de indiscutíveis, acreditamos que todos os aspectos citados acima reduzem o alimento a um único aspecto de nossa existência, destituindo-o de uma infinidade de outros valores que o cercam e que nos faz habitar em nosso mundo de símbolos e relatos.

208

Mais do que preservar a espécie e a manutenção da vida, o alimento precisou ser mimetizado pelos humanos com ornamentos e subterfúgios para festejar a vida, passando a destacar-se como uma atividade de predileção para fabricar o social e a humanização. E apesar do cio e do capim pastado, da cópula selvagem e da presa dilacerada pelos outros animais lhe permitir satisfação, não têm relação com uma postura ética, estética e hedonista da qual o ser humano se reveste ao **se alimentar, pois**, para muito além de uma satisfação **imediate**, investimos os alimentos de costumes, valores, tradições, crenças, atitudes, tabus, afetividade, símbolos, relatos e civilização. (CYRULNIK, 1997; ONFRAY, 1999). Muitos desses fatores influenciam os indivíduos a pertencerem a um determinado grupo, tanto pela escolha de determinados alimentos, quanto pela padronização que eles impõem aos corpos de cada um, inscrevendo-se nesses corpos por meio de discursos e instituições que acabam por transformá-los em corpos-podados ou coletivo-úteis.

Assim, “[...] quando um objeto percebido representa o despercebido, um alimento transforma-se num portador de significados [...] o mel simboliza a doçura de viver em conjunto, em paz, o fruto evoca a abundância fácil e



generosa da terra e a carne carrega-se de um significado trágico, em que é preciso triunfar da morte para sobreviver." E, mesmo que haja uma percepção de significados diferenciada entre os seres humanos e os outros animais, o alimento para estes últimos serve para muitas outras coisas além de nutrir. "É um ligante biológico entre os insetos sociais. É um laço entre a mãe e o filho, nos pássaros. Entre os mamíferos, hierarquiza os adultos e organiza o grupo [...] utilizado para agir sobre as emoções do outro e governar os seus comportamentos, preparando, assim, os animais para o símbolo." (CYRULNIK, 1997, p. 52).

Na realidade, são muitas as noções que a palavra alimento indica. Entre as expressões que estruturam parcialmente nossos conceitos da vida cotidiana, é comum ouvirmos declarações do tipo: Tudo o que esse artigo traz são "fatos crus, idéias malpassadas e teorias requentadas"; Há muitos fatos aqui para que eu possa "digeri-los" de uma só vez; Simplesmente não consigo "engolir" essa afirmação; Deixe-me "cozinhar" isso mais um pouco; Eis uma teoria que realmente se pode "saborear"; Isso é "alimento para o pensamento"; Não precisamos dar tudo "mastigado" aos alunos; Ele "devorou" o livro; Vamos deixar essa **ideia** "cozinhar em banho-maria por um tempo"; Esta é a parte "suculenta" do texto; Vamos deixar essa idéia "engrossar" um pouco; Vamos deixar essa idéia "chegar ao ponto" ou Essa idéia vem "fermentando" há anos. (LAKOFF; MARK, 2002).

Na própria história do conhecimento humano, seja na ciência, nos mitos, na religião, ou na arte, observamos a apropriação de alguns alimentos para traduzir uma imagem do mundo vivo. Assim, uma maçã foi um *insight* para que Newton pudesse descobrir a lei da gravidade na física; ou a maçã do Jardim do Éden, representando o conhecimento proibido. Também o mito de Dionísio, com seu vinho de embriaguez vital, ou o mito de Prometeu que, acorrentado por roubar o fogo dos deuses, é amarrado em uma árvore e, como punição, as aves de rapina são destinadas a comer suas entranhas todos os dias, sem contudo levá-lo à morte. E, por fim, a Santa Ceia do cristianismo, que transubstancia pão e vinho em corpo e sangue de Jesus Cristo.

Muito compreendido como sinônimo de nutrir, sustentar, construir, conservar, manter ou fomentar, o ato de alimentar pode também ser pensado como um esboço cognitivo que promove, pela relação entre os corpos, o contato com o outro, satisfazendo a si e ao próximo, numa relação de comunhão e partilha. Alimentar-se é descobrir-se em meio aos sentidos e à plasticidade de nossa carne, e assim, podemos dizer que tanto comemos com os olhos,



o olfato, com o tato e a boca, como também comemos simbolicamente as **ideias**, a história, a cultura, nossos mais íntimos desejos e expectativas.

Nesse contexto, devemos prestar atenção ao tipo de alimento que ingerimos, pois existem coisas que são boas para serem incorporadas e outras que podem ficar de fora da nossa alimentação diária, por nos causar **enjoo** ou mal-estar. **Hoje**, os variados métodos e técnicas de produção intensiva dos alimentos, da agricultura orgânica em pequena escala à manipulação de genes dos produtos agrícolas, nos oferecem tanto alimentos saudáveis, intensos no sabor e na cor, como alimentos artificiais, modificados, tóxicos, supletivos, esparsos, fracionários, nocivos e aperitivos, respondendo à fome sem eliminá-la e exigindo reflexões éticas, políticas e sociais.

Durante muito tempo, os saberes ligados às verdades absolutas, à fragmentação e à sujeição dos sujeitos frente aos objetos, tornaram-se mais afeitos à simplificação e à redução dessas comidas herméticas. Satisfazem-se com os conservantes, corantes, flavorizantes, acidulantes e estabilizantes encontrados nos pacotes de alimentos industrializados. Para as pessoas ligadas a esses saberes, o alimento se esgota em sua necessidade, quando em estado bruto, e em sua finalidade biológica é extenuado, na medida em que é avaliado por uma pirâmide alimentar rígida, que se propõe a mostrar de forma clara e objetiva como obter as calorias e nutrientes necessários à sobrevivência, reduzindo o prazer a um único parâmetro da sua função: satisfazer o trato digestivo.

Essa atitude reflete a relação que muitas pessoas mantêm com o próprio corpo e com os outros, quando não se dão ao trabalho de **se alimentar** ressaltando os sabores, prazeres e possibilidades de experimentação, apreciação e degustação de infinitos cardápios, reduzindo-os à batalha das vitaminas e ao equilíbrio das proteínas, que, entre energia e substância, reduzem a nossa sensibilidade. **Muitas vezes**, adotando condutas extremas, que vão da bulimia ou obesidade, à anorexia, em um eterno desequilíbrio entre o excesso e a falta, esses sujeitos demonstram a aversão ao próprio corpo e à própria vida.

Ao observar tais comportamentos, pensei estar delirando, quando me chegou aos ouvidos um sabiá que cantava, lamentando que "o pacotinho de alimentos cientificamente dosados que lhe ponho na gaiola, não vale uma minhoca viva ou uma goiaba madura". Outra vez, um canário me explicou que "[...] durante a fabricação desse cibo racional perdia-se a maior parte do que gostavam os pássaros." (CASCUDO, 2004, p. 350). Refleti por um



instante e conclui que os pássaros tinham razão. Suas **ideias** engaioladas e aparentemente sem sentido não me pareciam simples pretensões do instinto, demonstrando que a **vida, em nosso planeta**, carece mesmo de alimentos menos artificiais.

Sem titubear, podemos reafirmar que:

Vivendo como vivemos, sob o signo da Velocidade e a égide da Angústia (de tempo, de espaço residencial, de alimentos, de tranquilidade, de alegria) estão os homens da desintegração atômica perdendo a legitimidade do paladar. Um alimento fartamente divulgado no mundo daria mais sossego e júbilo que toda a trovejante conquista espacial que nos trouxe rancor, rivalidade e ódio recorrente. (CASCUDO, 2004, 361).

Impulsionados por essa esperança e menos afeitos ao tipo de comida padronizada, venal e rápida, que apenas atendem aos reclamos imediatos do estômago, encontram-se aqueles sujeitos que acreditam que todo alimento deve provocar, após ser ingerido, uma satisfação não apenas fisiológica, e se isso não ocorre, é porque falta algo, por muitas vitaminas, carboidratos e proteínas que contenham. Para eles, não é simplesmente o alimento em si, como energia ou substância, a fonte isolada de uma força vital, devendo-se levar em conta, mesmo que a comida contenha argumentos convincentes, precisos e técnicos, a sabedoria do paladar.

Através do interesse e do cuidado que se deve ter com o que nos alimentamos, no leque de prazeres que nos permitimos ou nas restrições que nos impomos, é possível perceber que se faz necessária uma reconciliação com os sentidos mais primitivos, elementos outrora essenciais, já presentes nos sujeitos, mas inebriados por um saber centrado somente em qualidades lógicas, empíricas e racionais, que esqueceram e abandonaram as singularidades da vida. Somente aqueles que consideram o consumo socializado, ritualizado, codificado e carregado de significados dos alimentos são capazes de inventar trajetórias, modificar receitas e experimentar a plenitude de um vínculo de afeição durável ao preparar um banquete para um outro. Pois “[...] amar o outro, desejá-lo, é alimentar-se dele e ao mesmo tempo saciar sua fome, uma fome simbólica à qual a fome real ou biológica dá passagem.” (CHATELET apud GIARD, 2003, p. 265).



Todos nós possuímos papilas gustativas, que se encontram disseminadas em nossa língua. Mas depende de cada um desenvolver o sentido do gosto e a sensação de prazer durante a refeição. “O frio, o quente, o acre, o adocicado, o amargo, o salgado, têm gradações, nuances que não serão tão agradáveis, na mesma intensidade ao paladar de cada homem.” (CASCUDO, 2004, p. 371).

Nesse sentido, mais que substituir, dispersar ou suprimir, precisamos de alimentos que levem em conta nossas experiências, intuições e sensibilidades. Qualidades encontradas e expressas na intimidade dos companheiros eleitos pela irmandade estética da existência, que permite ao corpo falar de forma tão natural e lógica, como a água que surge em nossa boca ao sentirmos o cheiro de uma comida saborosa ou quando observamos uma fruta ácida.

Experiência, intuição, afeto e sensibilidade são elementos indispensáveis à nutrição. Eles contêm também substâncias misteriosas e decisivas para o espírito: alegria, disposição criadora, autonomia, dependência, acolhimento, incerteza, parcialidade, solidariedade, movimento, troca, que promovem um compartilhamento de **ideias** e um aquecimento afetivo, próprios de quem pensa uma ciência mais humana, que exercita atitudes mais dialógicas perante a dinâmica da vida e do mundo.

Esses fatores, tão portadores de sentidos, formam o alimento que proponho como metáfora para restituir, imaginar e fazer acontecer, por meio da ação e da mudança, uma educação e um saber mais sensíveis, que respeitam o ritmo do sistema digestivo de cada um, que possibilitam uma maior oportunidade de experimentação através de uma experiência diferente da aprendizagem “bancária” que ainda observamos hoje, reduzida ao sentido da visão e da audição. Nessa proposta, aprender é muito mais que estar sentado decorando datas, sistemas e equações, porque aciona potencialidades possíveis de **ser** vividas por todos os sentidos; possibilita aos corpos dançarem libertos e refazer-se em sua inteireza, incorporando relatos, imaginação e uma atitude ética que liga o sujeito ao coletivo e o reaproxima da natureza e de sua própria natureza, criando novos sentidos para o seu viver.

Falo do alimento como metáfora, como possibilidade de pensar uma aprendizagem menos tóxica, que supõe imagens, aproxima sentidos, compartilha afetos, contatos e convoca a lembrança e a ternura de rostos amados **na** medida em que nos possibilita reviver a doçura do passado. Educar pessoas



com alimentos menos tóxicos deve ser algo parecido com a sensação de plantar sementes e vê-las crescendo, vivenciando os mistérios da existência através de um ritmo de vida menos *fast* e mais *slow*, como nos recomenda a culinária e escritora norte-americana Alice Waters, criadora do conceito de alimentação demorada feita com cuidado e de maneira sustentável, a *slow food*.

Como vem demonstrando o crescente movimento *Slow Food*, “[...] a comida pode nos ensinar as coisas que realmente importam – cuidado, beleza, concentração, discernimento, sensualidade, tudo o que o ser humano tem de melhor.” (WATERS, 2006, p. 81). Nesse sentido, um ritmo de vida mais *slow* pode nutrir um aprendizado que contribui para a consciência da condição humana, que não está centrado apenas nas necessidades utilitárias, mas na plenitude de si e na qualidade poética da existência; um aprendizado da vida e para a vida. (MORIN, 2006).

Ao pensar nesses significados, compreendo que o alimento, a **ideia** e a ação de alimentar incorporam atitudes imprescindíveis para a vida e incluem uma **ideia** de corpo, de estética e sensibilidade capazes de acionar a dialogia entre saberes do fazer, do pensar e do sentir, numa perspectiva mais totalizante do humano e da cultura.

Assim, o corpo é compreendido como uma unidade existencial que não separa ou opõe realidades distintas, portanto, uma possibilidade de interpretação e compreensão da realidade importante para pensarmos a construção de um saber mais abrangente, pois “[...] meu corpo não é apenas um objeto entre todos os outros objetos, um complexo de qualidades entre outros, ele é um objeto sensível a todos os outros, que ressoa para todos os sons, vibra para todas as cores, e que fornece às palavras a sua significação primordial através da maneira pela qual ele as acolhe.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 317).

Nessa direção, a estética se apresenta como um conceito aberto, uma vivência que se realiza por intermédio dos sentidos e do conhecimento corporal, buscando o ressurgimento do sensível no ato de conhecer. (MERLEAU-PONTY, 2004). Para Morin (1979; 2003), a estética não é considerada somente como uma qualidade própria das obras de arte, mas como um tipo de relação humana muito mais ampla e fundamental, que se realiza a partir do sentido original do termo, *aisthêticos*, de *aisthanestai*, “sentir”.

Importante reserva antropológica, resultante do processo de complexificação da aventura humana, a estética nos faz mergulhar na magia do duplo



da existência e situa-se na confluência onde se fecundam mutuamente os pensamentos mítico e racional e os universos real e imaginário. É isso só é possível porque o ser humano conservou a “juvenilização” (MORIN, 1979), uma sensibilidade infantil e lúdica, e alargou o enriquecimento de sua afetividade, que juntos vão traduzir-se em sensibilidade estética; uma sensibilidade que, em si, ultrapassa amplamente o campo das formas visuais e abre-se aos aromas, às sonoridades e à expressão corporal.

Por vezes, a estética aparece como “[...] o fruto final da cultura, mas outras vezes, surge como uma qualidade universal, ligada à própria exuberância da vida.” (MORIN, 1979, p. 109). Nesse sentido, ela é tratada como uma emoção, uma sensação de beleza, de admiração, de verdade, de sublime, que está presente tanto nos espetáculos ou nas artes, na música, no jogo, na fábula, no canto ou na dança, quanto no gosto e elaboração dos alimentos e bebidas, nos odores e perfumes, nutrindo o imaginário e deixando-se ser alimentada por ele, pois “[...] a estética, como o lúdico, retira-nos do estado prosaico, racional - utilitário, para nos colocar em transe, tanto em ressonância, empatia, harmonia, tanto em fervor, comunhão, exaltação. Coloca-nos em estado de graça, em que nosso ser e o mundo são mutuamente transfigurados, que podemos chamar de estado poético [...]”, uma forma de comunicação que encanta porque se aproxima ainda mais do nosso mundo vivo e da nossa condição humana. (MORIN, 2003, p. 135).

Inebriados pelo estado poético da existência, o corpo e a estética do alimento passam a compor como que uma mistura de uma ciência do agir com uma arte de viver, uma maneira de ser e estar no mundo, uma arte de nutrir um saber sensível, de base complexa, que inclui tanto a inteligência, a imaginação e a memória, quanto a felicidade, o prazer e a invenção. **Essa** arte de nutrir acredita que,

○ trabalho cotidiano das cozinhas continua sendo uma maneira de unir matéria e memória, vida e ternura, instante presente e passado que já se foi, invenção e necessidade, imaginação e tradição – gostos, cheiros, cores, sabores, formas, consistências, atos, gestos, movimentos, coisas e pessoas, calores, sabores, especiarias e condimentos. (GIARD, 2003, p. 296).

Nesse cenário, a educação é convidada a aproximar-se do corpo, da estética, do alimento, reconhecendo que a vida sensorial deve ser convocada



e pode renascer com um convite a uma corpo que se regozije em todas as suas modalidades emotivas, perceptivas e sensuais. Provar, sentir, ver além do que o hábito permite! Convocar as lembranças de tramas, texturas, sabores, aromas, cores, imagens e gostos, tanto quanto as capacidades infantis de comoção! Reconhecer-se na própria subjetividade e reconciliar-se com as sensações mais primitivas! **Esse** é um convite para que não nos acostumemos com a morte do corpo e da vida sensorial na educação, e para que possamos redescobrir o valor de sensações e prazeres ao mesmo tempo efêmeros e duradouros, ao deixar um resquício de fumaça na lembrança.

Nota

- ¹ Esse artigo é um fragmento da dissertação de mestrado, intitulada "Alimento como Metáfora, Metáfora como Alimento – a arte de nutrir uma educação complexa", defendida pelo Programa de Pós-Graduação da UFRN, em março de 2008, orientada pela professora Dra Wani Fernandes Pereira e co-orientada pela professora Dra Maria da Conceição Xavier de Almeida

Referências

ALMEIDA, Maria da Conceição. Complexidade e ética como estética de vida. **Revista da Associação Palas Athena**, São Paulo, n. 73, abr. p. 17- 25, 2000.

_____. Por uma Ciência que Sonha. In: GALENO, Alex; CASTRO, Gustavo de; SILVA, Josimey Costa da (Org.). **Complexidade à flor da pele**: ensaios sobre ciência, cultura e comunicação. São Paulo: Cortez, 2003.

AMABIS, José Mariano; MARTHO, Gilberto Rodrigues. **Fundamentos da biologia moderna**. 2. ed. rev. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

ARAÚJO, Maria de Fátima. **A fogueira do conhecimento**: religião de saberes e formação. 2005. 155f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

ATLAN, Henri. **Entre o cristal e a fumaça**: ensaio sobre a organização do ser vivo. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

BARBOSA, Sanzia Pinheiro. **Arte, metáfora da ciência do século XXI**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.



CASCUDO, Luís da Câmara. **História da alimentação no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global, 2004.

CAPRA, Fritjof. Fritjof Capra: o físico zen. In: PESSIS-PATERNAK, Guitta. **Do caos à inteligência artificial**: quando os cientistas se interrogam. Tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. (volume 1).

CYRULNIK, Boris. **Do sexto sentido**: o homem e o encantamento do mundo. Tradução Ana Rabaça. Lisboa: Editora Instituto Piaget, 1997.

GIARD, Luce. Cozinhar. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: morar, cozinhar. Tradução Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. (v. 2)

LAKOFF, George; MARK, Johnson. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.

LIMA, Analwik Tatielle Pereira de. **Alimento como metáfora, metáfora coalimento**: a arte de nutrir uma educação complexa. 2008. 159f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

MARTON, Silmara Lúcia. **Música, filosofia e formação**: por uma escuta sensível do mundo. 2005. 179f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **O olho e o espírito**: seguido de a linguagem indireta e as vozes do silêncio e a dúvida de Cézanne. Tradução Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MILNER, Max. Metáforas e metamorfoses no imaginário científico: o exemplo da ótica. In: **A ciência e o imaginário**. Tradução Ivo Martinazzo. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem**: para uma nova antropologia. Tradução Fernando de Castro Ferro. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.



_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução Dulce Matos. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

_____. **O método III**. O conhecimento do conhecimento. 2. ed. Tradução Gabriela de Bragança. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 1996.

_____. Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios. In: MORIN, Edgar; ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgar de Assis (Org.). **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **O Método V**: A humanidade da humanidade. A identidade humana. Tradução Juremir Machado. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

NATÉRCIA Flávia. Entre a retórica e a realidade. **Sala de imprensa** – Jornal da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, p. 09, 298 v. 2005. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2005/ju298pag09.html>. Acesso em: 21 jul. 2007.

ONFRAY, Michel. **A razão gulosa**: filosofia do gosto. Tradução Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

PEREIRA, Wani Fernandes. **Arte e pedagogia da complexidade**: cartografia das idéias de Clarival do Prado Valladares. 1999. 360 f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1999.

PORPINO, Karenine de Oliveira. **Dança é educação**: interfaces entre corporeidade e estética. 2001. 169 f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2001.

PRIGOGINE, Ilya. O reencantamento da natureza. In: WEBER, Renée (Org.). **Diálogos com cientistas e sábios**: a busca da unidade. 12. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

REEVES, Hubert. Imagens de ação na física. In: **A ciência e o imaginário**. Tradução Ivo Martinazzo. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.



WATERS, Alice. Os valores da *fast food* e os valores da *slow food*. In: STONE, Michael K.; BARLOW, Zenobia (Org.). **Alfabetização ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. Tradução Carmen Fischer. São Paulo: Cultrix, 2006.

ZAMBRANO, María. **A metáfora do coração e outros escritos**. Tradução José Bento. 2. ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 2000.

Profa. Analwik Tatielle Pereira de Lima
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Rio Grande do Norte | IFRN | Natal
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação,
da Universidade Federal do Rio Grande do Norte | PPGEd | UFRN
Grupo de Estudos e Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento |
GEPEC
E-mail | annatatielle@yahoo.com.br

Recebido 28 mar. 2011

Aceito 13 jun. 2011